



PEDAGOGIA SOCIAL NA ESCOLA E COM A ESCOLA: UM DIREITO IALIENÁVEL

Margareth Martins de Araújo.

Professora Titular da Universidade Federal Fluminense.

Coordenadora do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social.

Resumo: Ao pensarmos em práticas humanizadoras na escola, o fazemos por perceber, após algumas décadas de convivência no ambiente escolar, que por causa do compromisso com a parte burocrática contida na educação, que não deixa de ter sua importância, os educadores não conseguem equilibrar razão e emoção, desumanizando suas práticas, excluindo com isso, grande parte dos educandos do sucesso escolar; a bem da verdade, excluem a si próprios também. A questão guia que acompanhou nossa pesquisa é: Por que separam razão e emoção? Ao perseguir tal caminho, descobrimos que essa separação encontra raízes em outra separação: teoria e prática. Falamos então, sobre dois binômios que atravessam a prática docente, evidenciando frutos indesejados na escola como a desumanização por meio das sucessivas reprovações, discriminação, preconceitos e segregação que têm como fruto a destruição da vida intelectual daqueles que mais precisam da escola. Nossa pesquisa realizada nas últimas décadas aponta para a existência de uma teoria que, independente do grau de ensino, se aplica e potencializa os sujeitos da escola. Caminhamos com docentes e discentes envolvidos em uma metodologia de pesquisa em consonância com a pesquisa-ação qualitativa, pautada no aspecto teórico-prático da pesquisa. É possível detectar indícios de que práticas humanizadoras na escola, podem ser entendidas como um direito humano. Dialogamos, em especial, com Freire (1992), Furter (2006), Araújo (2015), Jares (2006), Viché, Madureira e Hernaiz (2025), Declaração de Salamanca (1994), Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), dentre outros autores afins.

Palavras-chave: Pedagogia Social. Direitos Humanos. Práticas Humanizadoras na Escola. Convivência. Teoria dos Três As.

INTRODUÇÃO: PEDAGOGIA SOCIAL NA ESCOLA: PRÁTICAS HUMANIZADORAS

A amorosidade de que falo, o sonho pelo qual brigo e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de AMAR! (Paulo Freire)

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal Fluminense, sob os auspícios do Projeto PIPAS-UFF (Grupo de Ensino Pesquisa e Extensão em Pedagogia Social), sobre práticas humanizadoras na escola sob a perspectiva da Pedagogia Social como um direito humano, por intermédio da Teoria dos Três As, Araújo (2015)¹: Havendo acolhimento e aceitação, haverá aprendizagem), em ambiente onde existam pessoas em processo de interação. A relevância temática encontra respaldo

¹Teoria dos Três As - Teoria dos Três As, pesquisa realizada em 2004, na fase de doutoramento da autora, com 194 crianças, adolescentes e jovens, suas famílias, comunidades, escolas e professores, quando se detectou ser a questão do não aprendizado dos sujeitos pesquisados, uma questão de muito mais de preconceito, do que falta de amamentação, constituição familiar etc., como divulgava a teoria vigente na época.



em ambientes de interação humana, em especial o escolar, onde é comum a afirmação de que os educandos não aprendem por inúmeras e múltiplas razões, começando pela econômica, questões raciais, processos de amamentação, configuração familiar, entre outros. Desafiando as justificativas historicamente apresentadas, a pesquisa aponta como resultado parcial, que o preconceito, a rejeição e a intensificação da desconsideração da história e da memória dos educandos são fontes principais de interdição para a aprendizagem.

Nossas reflexões assumirão um papel dialógico com categorias como: humanização, inteligência emocional, razão, emoção, analfabetismo emocional, entre outras, por compreendermos integrante do universo da temática central, desse artigo. Quando recortamos um tema, a ser pesquisado, da realidade que nos cerca, é imperativo o diálogo desse tema com o local e o global, para que possamos nos aproximar, de forma o mais fidedigna possível da realidade. São movimentos de sucessivas aproximações, fundamentadas teoricamente, para auxiliar o pesquisador a compreender os fenômenos que se estabelecem durante o processo de composição da temática eleita. Eis o papel do pesquisador, que como o escafandrista, a realizar o trabalho de investigação nas camadas mais profundas e possíveis da compreensão humana. Nunca daremos conta de descobrir a da totalidade do universo do tema eleito, mas por mais insignificante que possa parecer, as pequenas aproximações, possíveis de serem realizadas, revelam um universo de possibilidade e probabilidades.

Sobre as práticas humanizadoras que se apresentam como possibilidade de superação do fracasso da escola, falamos sobre uma prática que ainda desafia os modelos tradicionais de educação. A proposta é o equilíbrio entre razão e emoção. Por meio da compreensão da educação como um Direito Humano primordial, propõe-se uma abordagem centrada na pedagogia social em diálogo com a Teoria dos Três As. Como Pedagogia Social elegemos como conceito ser aquela que toca a alma, transforma vidas, estabelece pactos e instaura poder em todos os envolvidos no processo educacional.

Oriunda da Pedagogia como ciência da educação, a Pedagogia Social tem como intencionalidade e princípio ser uma pedagogia para todos e para cada um. Por seu princípio social, habita a concepção de educogenia² trabalhada por Pierre Furter, ao apostar na força educativa e no potencial da comunidade, deixando para todos a dica do quanto é importante a escola aprender a trabalhar com o potencial educativo da comunidade, fortalecendo a concepção de que não se trata de educador trabalhando contra o educando e sim, com ele. Cada educador, contando com sua expertise, fazendo o que puder, de onde estiver, para o bom andamento do processo educacional.

[3] Uma educação para todos e para cada um, termo cunhado pela autora em seu livro: *Complexus - A Pedagogia Social como Experiência Humana*. Coleção Pedagogia Social para o Século XXI, CRV, Curitiba, 2024.

A quem interessa essa separação? Essa separação é promotora de qual modelo de sociedade, de homem e de mundo? É possível vislumbrar um peculiar tipo de inteligência a ser valorizada e trabalhada no cenário educacional: a inteligência emocional³ que vem ganhando destaque nos

²Educogenia, conceito desenvolvido por Pierre Furter que significa o potencial educativo do meio ambiente. (in) VICHÉ, Mário, "Pierre Furter: A Educogenia. O potencial Educativo do Contexto", *Revista de Pedagogia Social da UFF*, nº 13.

³Inteligência emocional - A Pedagogia Social com a qual trabalhamos a conceitua como sendo a capacidade de lidar com situações adversas, de forma consciente, eficaz e equilibrada, sem dar margem ou até mesmo provocar o



últimos anos até mesmo nos momentos de seleção profissional, quando a forma com que a pessoa se relaciona com os demais tem tanto peso quanto a inteligência intelectual para o exercício da profissão. Trazer a emoção para o rol das reflexões educacional, parece-nos o retomar de uma antiga rota, que por algum motivo foi abandonada. Esse processo de separação seu deu ao longo processo, ocorrido de forma gradual, que recentemente começou a ser reavaliada de forma profunda, no pensamento científico e filosófico. Uma educação que faz o homem perder-se de sua própria humanidade ao ser educado, parece-nos uma educação capenga, carecendo de uma visão mais ampla da sua missão.

Ao refletirmos sobre práticas humanizadoras na escola, vislumbramos a possibilidade da realização de uma educação para todos e para cada um³ (**Inserir como nota de rodapé**) a reforçar, de forma equilibrada, a formação integral do educando. Descobrimos um caminho possível para a educação para a convivência saudável, na qual todas as pessoas envolvidas são agentes lícitos das relações pessoais que de estabelecem no interior da escola, sem perder de vista, que os movimentos de interação e interlocução existentes entre os sujeitos, apontam para uma sociedade mais fraterna e feliz.

DESENVOLVIMENTO: O PAPEL DA TEORIA DOS TRÊS AS NA HUMANIZAÇÃO DAS PRÁTICAS ESCOLARES

Todo o trabalho aqui realizado tem sua origem nas aulas da disciplina de Orientação Educacional ministrada desde 1989 na graduação de alguns cursos como obrigatória e em outros como optativa. Os depoimentos trazidos pelos educandos, desde aquela época, apontavam para a necessidade de uma educação mais atenta aos movimentos de interação entre os educandos, trazendo para a sala de aula, o diálogo, a parceria e a amorosidade como possibilidade de realização de uma educação, que para além dos conteúdos, transmitisse possibilidades de existência humana ancorada no respeito ao próximo e nos princípios de cordialidade, ética e respeito. Ao longo dos anos, tal percepção se aguçou, pois quanto mais a sociedade se desumanizava, mais os educandos confirmavam o visto em nossas pesquisas em curso: precisamos de práticas humanizadas na escola. Sendo assim, é preciso que tal temática tome assento nos currículos de formação de professores, incorporando de forma teórico-prática a formação em questão.

A Teoria dos Três As funciona como princípio de humanização das práticas educacionais, visando à inclusão Educacional dos invisibilizados pela escola e pela sociedade, promovendo, portanto, o sucesso escolar. Nossas pesquisas apontam ser possível, por meio de reflexões teórico-práticas, transformar a escola em um espaço humanizado, onde a cultura da paz seja incentivada, habite os currículos escolares e transborde para a sociedade, de forma generosa, auxiliando-a, por meio da formação dos educandos, a reverter o quadro de violência no qual se encontra, onde o cidadão se transformou em refém, com direito apenas de pagar impostos. Falamos também de saúde mental e, dentro dessa perspectiva, urge transformar a escola em um espaço saudável à existência humana.

A relação existente entre Pedagogia Social, Teoria dos Três As, e promoção de práticas humanizadoras reside justamente na construção de uma escola onde o direito à educação com dignidade e amabilidade é exercido. Por esse motivo associamos a esse movimento a educação dos pensamentos e dos sentimentos, pois apazigua o ser humano com sua própria humanidade. Sinalizamos ser um processo necessário de ser experienciado por todos os sujeitos da escola, primeiramente e, em especial, pelo professor, que se tornará, dentro dessa perspectiva, seu agente.

desentendimento, a desarmonia e sentimentos de desafetos. Ela é forte aliada da pedagogia da convivência, é promotora da cultura da paz e também pode ser ativada, ensinada, aprendida e desenvolvida no ser humano.



É uma proposta elaborada e aplicada, com resultados obtidos bastante favoráveis. Sabemos não ser o único caminho, mas em uma instituição que é reflexo da violência da sociedade, que é potencialmente ativada por aquilo que denominamos um Fosso de três séculos⁴ de existência a provocar um barulho ensurdecador na escola, promovendo o adoecimento docente, atitudes insanas por parte dos educandos e seus familiares, para com a escola e os educadores, vide notícias que permeiam cada vez mais as manchetes de jornais de país que invadem a escola para baterem em professores (o mesmo acontecendo na área médica também, talvez por ser junto com a escola, um dos braços do Estado junto a sociedade), Professores com medo de escrever no quadro, com medo de virarem alvo dos alunos, como mostra nossa pesquisa.⁵

Apontamos para um paradigma emergente, por meio do qual, o educador abre mão paulatinamente, do paradigma dominante, produtor de práticas desumanizadoras na escola, e, se dirige a uma prática educativa pautada na aceitação do outro em sua legitimidade, acatando a diferença entre as pessoas como algo legítimo, sem tentar padronizar ou até mesmo formatar os educandos, por meio de práticas excludentes, opressoras, promotoras de instabilidades emocionais. Dentro dessa proposta o educador deixa de ser promotor de morte e passa a promover vida com o trabalho que realiza. Ressaltamos que muitos educadores, por certa ingenuidade profissional, sequer têm noção do importante papel que exerce, naturaliza a exclusão ao não se perceber como parte da situação e naturaliza a perda cotidiana da civilidade, das boas maneiras e da convivencialidade na escola. Processos de autoconhecimento, análise de conjuntura institucional e social, aliados ao compromisso político auxiliam de forma importante nesse momento.

Sinalizamos ainda, tratar-se de uma constante luta a ser travada dentro das escolas, que convoca a todos a optar pelo exercício da coragem de lutar unida à coragem de amar, a favor de práticas humanizadoras. São práticas potentes e possíveis de serem realizadas em todos os graus de ensino, trazendo respeito, dignidade e ética ao universo educacional. Nossa pesquisa aponta a existência de duas grandes frentes produtoras de desumanização na escola, ambas passam pela relação pessoal e interpessoal e se encontram presentes na postura de professores no decorrer do exercício do magistério, assim como na relação entre os educandos. Com o tecido social esgarçado, a escola sofre as consequências de tal processo e se expõe gratuita e inevitavelmente a ser, ao mesmo tempo, reprodutora e alvo. É um círculo vicioso de analfabetismo emocional⁶

Embora possa provocar impacto, importa detectar que o processo de naturalização de tais práticas construiu ao longo dos anos a normalização de violências verbais, posturas arrogantes, desmandos e distratos para com os sujeitos da e na escola. Como denúncia, trazemos tais reflexões e anunciamos a existência de possibilidades de superação por intermédio da Teoria dos três As, como a chave para a promoção de uma educação profícua e, como diz Araújo (2025):

Aqui segue um segredo que ousamos compartilhar por compreender ser o momento adequado: Ela é a chave que abre a porta do conhecimento, um tripé onde se pode ancorar as relações humanas e, por intermédio da qual o ser humano faz as pazes com

⁴ Fosso de três séculos - Expressão alusiva ao momento atual em que se encontra a educação brasileira, tendo a escola no século XIX, a formação de educadores no século XX e os educandos no século XXI, uma equação difícil, mas não impossível de resolver. (Vide Coluna: Pedagogia Social em Gotas - Jornal Papo de Artista, de 27/05/25)

⁵ Relatório de pesquisa de 15 de maio de 2025, professora Roberta da quinta série, com dez anos de exercício do magistério, diz que curso nenhum prepara um professor para o impacto emocional em que está exposto em uma sociedade violenta a motivar os jovens a não respeitarem seus pais e, por conseguinte, seus professores.

⁶ Analfabetismo emocional - conceito popularizado por Daniel Goleman, refere-se à dificuldade de identificar, expressar e gerenciar emoções de forma saudável, tanto as próprias quanto as dos outros.



sua própria humanidade, independente do vínculo profissional ao qual esteja atrelado. Ela é uma teoria de vida para a vida, humana para seres humanos, promotora de saúde mental e bem-estar educacional, social e pedagógico e, como tal, cabe em qualquer instituição, seja escolar, familiar ou profissional. Falamos aqui sobre a chave da emancipação humana que, uma vez ativada, é promotora de VIDA! (Araújo, 2025)

Longe de ser a panaceia da educação, a proposta da nossa pesquisa aponta a necessidade de uma atitude pedagógica dialógica onde a amorosidade seja valorada e a consciência do papel do educador seja exercida em prol de dias melhores para todos. Práticas humanizadoras na escola nos remetem ao exercício permanente de auto avaliação como bússola a guiar o fazer docente que, para além de intelectual, também é emocional. O equilíbrio entre inteligência emocional e intelectual, propiciará uma educação da convivência, composta, em especial, pela ética e pela dignidade. Quem não gostaria de fazer parte de uma educação assim?

Romper com as amarras da formação docente rumo a uma educação promotora da emancipação humana exige coragem, força, disciplina intelectual e o preço a ser pago é o da eterna vigilância. Dá trabalho viver em um processo de avaliação constante, ainda mais por se assemelhar ao processo metodológico dos Alcóltras Anônimos, fazendo o educador verbalizar: Ao menos por hoje... ao menos por hoje abro mão de antigas práticas reprodutoras de um sistema excludente e passo a ser agente educacional da emancipação humana, sem reproduzir antigas práticas promotoras de morte no interior das escolas. Ao menos por hoje reunirei meus esforços no cumprimento da inclusão dos excluídos dos bancos escolares. Ao menos por hoje serei uma nova professora. Assim, dia após dia, com acompanhamento cotidiano é que deixaremos para trás o ranço de uma educação que tão mal faz a quem mais dela precisa.

Ao pensarmos em práticas humanizadoras na escola, também a concebemos como um direito humano, como fonte de equilíbrio entre razão e emoção, teoria e prática, singular e plural, o uno e o múltiplo, o singular e o coletivo e tantas outras dicotomias que foram criadas ao longo da história, que obtiveram como resultado o desgaste da relação educador e educando, promovendo a separação daquilo, que por essência, foi criado ao mesmo tempo para servir a um e ao outro. Falamos da relação educador e educando, dois seres humanos atrelados por essência. Já viram escolas sem educando? Já viram escola sem educador? Um justifica a existência do outro de forma síncrona, dialógica e, portanto, como consequência, humanizada.

Para a saúde mental de educadores e educandos é imperativo considerar ser a educação um centro formador, que ao formar intelectualmente o ser humano, também forma para a vida cotidiana, ordinária: humaniza. É exatamente por esse motivo que a Pedagogia Social surge no cenário educacional mundial e, tardiamente no Brasil, como a possibilidade do exercício de práticas pedagógicas humanizadas e humanizadoras. Longe de ser uma opção, é consequência de uma ação, pois educar sem humanizar, não é educar. Educar humanizando e humanizando educando é um dos pilares mais importantes da Pedagogia Social realizada e propagada pelo projeto PIPAS-UFF, que ao longo de mais de duas décadas afirma tal realidade. Fazer da educação um palco de destruição da formação humana, com práticas desumanizadoras, impõe à sociedade brasileira um cruel tributo a ser pago com uma cara moeda: a vida das pessoas. Fruto do analfabetismo emocional, encontramos na atualidade uma sociedade à beira do abismo, em que os laços afetivos entre os seres humanos são desconsiderados, vilipendiados e descartados. Alerta: SEM O EXERCÍCIO DA NOSSA HUMANIDADE, NÃO HÁ HUMANIDADE. Somos sabedores de que o purismo não existe, porém há de se ter clareza sobre a necessidade de caminharmos no sentido de ativar a humanidade em nós, sob pena de extermínio total dela. O que nos resta então?



Acertar o rumo da história, promovendo um equilíbrio possível. Como fazer isso? Com práticas promotoras de paz.

Com Dom Bosco (1815-1888), avançamos em nossas reflexões ao nos alinhar com o princípio de sua obra ao afirmar: “Educação sem amor não é educação”. Afirmamos um importante caminho encontrado em nossa pesquisa: trata-se da relação direta entre educação, amor, paz e humanização. Como pesquisadores sociais não temos medo de trabalhar com essas categorias por considerá-las caras ao trabalho que realizamos. Aos desavisados pode parecer uma mistura de categorias desconexas, mas todas se alinham perfeitamente ao falarmos sobre práticas humanizadoras na escola. Continuando e nos inspirando Dom Bosco, ao considerar o pilar do seu método pedagógico: Razão, Religião e amorevolezza (amor/afeto), com ele defendemos que a relação entre educador e educando deva ser de carinho e confiança mútua, e não de medo e repressão (que perdura na atualidade). Trabalhamos para a construção e perpetuação de uma educação permeada pelo afeto, respeito e dignidade.

Trabalhar na formação humana é um quefazer para muitos, demanda inspiração, transpiração e como tal, escolhas, opções metodológicas e possibilidade de realizações. Ela exige daquele que a abraça, um sério compromisso com o devir humano. A compreensão de que ninguém está pronto e acabado, abre uma brecha para a possibilidade de transformação, existente também nas instituições e na própria natureza. Tudo é movimento e, passível de ser mudado, alterado e modificado. Aqui reside a possibilidade e a limitação do trabalho na formação humana, pois de acordo com as escolhas realizadas, poderemos obter resultados indesejados. Eis o momento em que um modelo de sociedade, de homem e de mundo se impõe, a servir como bússola a direcionar as ações de todos e de cada um. Aqui construímos as possibilidades das nossas ações, para a construção de uma escola mais íntegra, ética e amorosa, onde haja práticas humanizadas e humanizadoras.

Olhar para outro lugar, diferente daquele olhado até então, para compreender que práticas humanizadoras na escola, não significam substituir conteúdos de cunho mais lógicos por elas, mas perseguir um diálogo possível entre razão e emoção ao realizar as ações educacionais. Um exemplo “simples”, oriundo de pesquisa por nós realizada, que nos dias atuais se configuram como práticas de constrangimento moral, bullying ou até mesmo “assassinato de reputação” - pois os educandos são muito mais do que uma simples nota, é a “ingênua” lista de resultados finais de uma prova, em ordem decrescente, exposta dentro de alguma instituição, de forma pública, onde todos que passam, têm acesso. A produzir combustível para processos de diminuição dos educandos, se tornando vítimas de zombaria e escárnio por parte de alguns. São processos de inferiorização produzidos na e pela escola sem que a mesma perceba. Convido os educadores a olhar para tal exemplo e implantar em suas práticas, movimentos mais reflexivos, objetivando o bem estar dos educandos. Aquilo que no passado era compreendido como uma ação apenas burocrática, hoje se transformou em combustível de preconceito, segregação e humilhação.

Ao aprofundar o processo de pesquisa junto aos técnicos e educadores da referida instituição, foi possível detectar que o objetivo era a mera explanação das notas, para comunica-las aos educandos, sem nenhum outro objetivo, e assim fora compreendido pela maioria, ninguém parou, ao longo dos anos para perguntar como cada um se sentia. Se por um lado aqueles que tiravam notas altas se alegravam e se gabavam, por outro lado, aqueles que tiravam notas abaixo da nota de corte, além da humilhação pública e de virar alvo nas mãos dos algozes, introjetava um sentimento de menor valor, chegando ao ponto de, em muitos casos, se retirarem da escola. Sem planejar, a escola causava e ainda causa, por ser uma prática comum até aos dias de hoje, dor emocional e psicológica, associada ao constrangimento de educandos e de seus familiares. Os educandos, por sua vez, sofriam e ainda sofrem, de forma dupla, todo o processo de constrangimento, poque além vivê-lo



na escola, também são envergonhados em seus lares, ao serem desacreditados pela escola, junto às famílias, além de, em muitos casos, serem comparados com outros membros da família, como irmãos, por exemplo, que conseguiram melhores resultados. duplo constrangimento, se sair melhor nas avaliações.

Segue uma denúncia e um anúncio. Nos últimos anos, a escola começou a tomar consciência do processo exposto acima, considerando a possibilidade de repensar suas práticas, por meio de avaliações institucionais. Dentro desse processo desponta as ações da Pedagogia Social a sinalizar a existência de uma ação escolar promotora de constrangimento moral, mesmo que de forma não intencional, convidando a todos a reverem suas práticas, em nome de uma educação mais humanizada, a serviço da vida e em prol da humanidade. Muitos profissionais jogam a temática na seara de menor importância, ao perseguirem um script imposto a eles, abrem mão da autoria do seu fazer educacional e reproduzem práticas de exclusão. A naturalização de antigas práticas, consideradas como “normais” (Sempre foi assim, qual o problema? Ninguém morreu por causa disso. Que besteira), como ilustram as falas, leva a reprodução de um sistema que além de desumanizado, joga fora pessoas capazes e brilhantes, desconsiderando a existência das inteligências múltiplas, como aponta Gardner (1995), além do fato de a escola trabalhar apenas duas delas, de forma relativamente bem: a linguística e a lógico-matemática, por exemplo.

Acompanhado um grupo de cinco adolescentes, que passaram pelo processo exposto acima, foi possível detectar que todos obtiveram sucesso na continuidade dos estudos, cada um em deles, em escolas diferentes, e em seu próprio tempo, encontraram o sucesso escolar. Fizeram as pazes com os estudos, ganharam credibilidade junto aos familiares e fortaleceram a autoestima até então fragilizada, pela escola anterior. É preciso tornar nítida a profunda relação entre a produção do fracasso escolar e as famílias, consequentemente, com a sociedade. Trazer à luz a disfuncionalidade da escola e a crescente necessidade de a mesma chamar para si, a responsabilidade por essa temática, que por falta de humanização em suas práticas, despontecializam seres humanos capazes, brilhantes e potentes. O que as cinco escolas, para as quais cada um dos adolescentes se transferira tinha em comum? Foi possível detectar, com nossa pesquisa, que todas elas continham um forte compromisso com práticas humanizadoras, um cuidado planejado a ser seguido por todos os setores da escola, uma ética ao se dirigir aos jovens e suas famílias e um profundo respeito com o fazer docente. Alguns chegaram externar a compreensão, com a qual concordamos, de que se o educando não for bem no processo educacional, é porque a escola falhou antes com ele.

Importa lembrar que a família tem o papel de educar e a escola de ensinar e, sem “caçar bruxas”, lembras como diz o aforismo africano: “É preciso de toda a aldeia para educar uma criança”, pensando na sociedade como uma aldeia, onde todos educam, é preciso cada um fazer a sua parte. Cada instituição social cumprindo o seu papel de forma articulada, em prol do sucesso dos jovens, torna a caminhada mais amena. Dentro dessa concepção a Pedagogia Social compreende que todos educam na escola e, por tanto, todos precisam exercer práticas humanizadoras, independente de cargo e funções. Para que tal processo ocorra, é preciso ter as práticas humanizadoras na escola como objetivo para todos, como uma meta a ser seguida. Sinalizamos ser um processo que precisa ser vivido por cada profissional da escola, ocorre de forma intransferível, para depois se transformar em ação pedagógica institucional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PEDAGOGIA SOCIAL E A TERIA DOS TRÊS As NAS PRÁTICAS ESCOLARES



NA ESCOLA- AINDA UM DESAFIO

Toda criança merece proteção, amor e condições para se desenvolver de forma saudável, sem discriminação. (Declaração Universal dos Direitos das Crianças).

Os resultados obtidos até o presente momento, nos exortam à compreensão da importância fundamental, de se conceber a Pedagogia Social como um direito humano e apontam para o impacto positivo no cotidiano das relações pedagógicas escolares, nas vidas profissionais de educadores, educandos e seus familiares, alterando a face da sociedade. No que se refere às práticas humanizadoras na escola, não ocorre de forma diferente, pois um ambiente onde seres humanos vivem e convivem é um apelo natural que os processos de humanização, humanizados e humanizantes, transbordem a ordem do dia, integrando de forma coerente, todos os sujeitos envolvidos no processo educacional. Uma pergunta chama nossa atenção no momento: por que, a humanidade teme tanto a sua própria humanização?

Se a educação é para todos, as práticas humanizadoras na escola também o são, independente de classe social, conta bancária, cor de pele ou tantas outras categorias que insistem em colocar em caixas e rotular aquilo que tem em sua essência, a possibilidade e necessidade de ser diferente: O ser humano. O exercício do direito à diferença traz consigo certo ar de democracia dentro da escola e reverbera por meio de suas práticas educativas a possibilidade de construção de outra escola e outra sociedade: por que não?

Em algum lugar no tempo e no espaço, as práticas humanizadoras na escola, foi caindo em desuso, em nome de uma pseudo cientificidade, foram jogadas na seara daquilo que é piegas e inadequado. Separando agora razão e emoção educadores caíram no antigo conto de que é possível ensinar apenas o intelecto, abrindo mão da concepção da omnilateralidade humana, da educação integral e íntegra, da impossibilidade de educar sem formar. Passou a ser feio falar em práticas humanizadoras, e o resultado foi um profundo mergulho no analfabetismo emocional, trazendo dor, desequilíbrio emocional, educacional e social. Ao normatizar a falta de práticas humanizadoras, a escola passa a descartar o direito que todos têm: uma educação humanizada. O que temem?

Práticas humanizadoras são bem-vindas em qualquer área do desenvolvimento, somos seres humanos, lembra? Ao privilegiar o ter no lugar do ser, o desumano no lugar do humano, a educação abre espaço para práticas competitivas, destruidora do potencial existencial das pessoas. Esqueceram de dizer para todos e para cada um, que a tal competição é interna, e não externa, como aponta Araújo (1993). A disciplina intelectual terá como resposta, na grande maioria das vezes, o tão sonhado “lugar ao sol”, sem puxar tapete de ninguém, sem sabotar outrem ou roubar algo precioso de um oponente, práticas tão comuns na atualidade.

Práticas humanizadoras na escola são um convite ao bem-estar educacional, promove uma educação sem fronteiras, a serviço da vida e em prol da humanidade. É preciso pensar em uma formação de educadores voltada para essa temática de fundamental importância. Como fazê-lo? Uma das possibilidades é enfrentarmos nossa própria humanidade como fruto de um saber-fazer que se desumaniza ao ensinar, dando lugar a práticas de múltiplas e complexas violência. Ter coragem de rever nossas práticas é uma questão de honra para todos aqueles que buscam um fazer alinhado com a cultura da paz, da solidariedade e de práticas éticas na educação.



Ao refletirmos sobre práticas humanizadoras na escola o fazemos por acreditar que as relações humanas precisam ser permeadas de práticas educadas, cordiais, íntegras que assegurem a saúde mental de todos. Todos os profissionais da escola precisam e merecem fazer parte de um ambiente profissional saudável, capaz de trazer por meio do seu fazer, uma formação estruturada em valores que promovam vida, inclusão e senso de responsabilidade. Pensar a escola como um grupo social, é refletir sobre o seu papel na coletividade humana, tendo como apelo fundamental, instaurar um diálogo promissor e profícuo entre o uno e o múltiplo, entre o singular e o plural, entre o eu e nós. Práticas humanizadas na escola passam também pela possibilidade de conceber a educação como nicho formador de mentalidades com concepções arraigadas de fé na humanidade e no seu poder de exercer o bem, o belo e o bom pela face da terra, é, antes de tudo, promover a formação humana para a superação dos desafios, advindos da vida cotidiana, com amorosidade.

Ambientar a escola aos princípios da convivência humana generosa, é um caminho capaz de equilibrar o exercício da busca com o exercício da paz no mundo. É na formação de seres humanos mais amorosos, com pleno exercício de sua inteligência emocional que auxiliaremos, enquanto escola, para um futuro promissor para todos. Certamente não veremos a tão sonhada paz, talvez precisemos encontrá-la primeiro em nós, mas importa saber que nossos filhos e netos saberão que auxiliam nessa construção, saberão que não passamos nossa geração em branco, não ficamos de braços cruzados. A sociedade que recebemos de nossos antepassados carece de cuidados na atualidade que apenas a nossa geração poderá dar, portanto, é chegada hora de fazer nossas escolhas e realizar nossas obras, o dia é hoje, e o tempo é o agora.

Práticas humanizadoras na escola vão muito além dos muros da escola. Como já afirmamos aqui ela transborda para a sociedade e precisa fazê-lo de forma plena e contundente. seu impacto precisa ser de dinamos de gerando energia capaz de propagar aquilo que chamamos de uma sociedade possível para ser viver, amar, querer bem e criar nossos filhos. Em uma sociedade assim será possível vislumbrar o paraíso por meio do equilíbrio da relação entre o homem e a natureza e dos homens entre si. Tudo e todos está interligado e a compreensão desse fato precisa ser ativada, pois ainda permanece adormecida em nós, em nossa humanidade. Ao concluir esse artigo o faço desejando boa vida para nós. Está em nossas mãos a realização do mundo que gostaríamos de ver. Por ser coletiva, os grandes desafios da humanidade encontram, em muitos casos, sua solução em práticas inspiradas na e pela própria natureza. Um dos maiores desafios da atualidade está em colocar a natureza interna do homem em equilíbrio com a natureza externa a ele. Ao perder esse diálogo, o homem se desumaniza, destrói a natureza e ao destruí-la também se destrói. Precisamos ser guardiães dessas duas naturezas, com honra e dignidade, com ciência, consciência e persistência, que para além de boa sonoridade, protege a sobrevivência planetária. Que tal colocar em equilíbrio e em diálogo essas duas naturezas?

Como ação preventiva contra o fracasso escolar, as práticas humanizadoras na escola, despontam como uma alternativa de superação do fracasso escolar, do de potencializar de educadores, educandos, famílias e sociedade. É um caminho profícuo na busca por inteligência emocional e rompe com o analfabetismo emocional. Fica a proposta de maior atenção sobre as práticas escolares e suas consequências na vida cotidiana das pessoas, pois indiscutivelmente, trata-se de uma instituição historicamente responsável pela transmissão do conhecimento produzido historicamente pela sociedade. Ao longo dos anos o papel de transmissora de conhecimento, foi relativizado, mas não banido, dando espaço para a mediação escolar, produzindo um ambiente mais democrático no interior das escolas, dando visibilidade a máxima da Pedagogia Social ao afirmar que cada um em seu tempo e munido de suas potencialidades, são capazes de aprender, ensinar e interagir pedagogicamente falando.



A escola ainda é uma potente instituição e tem um papel fundamental junto a sociedade. Na Contramão do que muitos afirmam, a escola ainda é lugar de honra e dignidade na formação humana, exerce função primordial na sociedade e impacta o futuro de milhares de pessoas que buscam seus serviços. Com uma dimensão política e social importante, a escola precisa contar com o apoio de todos os interessados na construção de uma nação forte, potente e feliz. Negligenciar a escola, é fadar uma nação inteira ao fracasso (interesse de alguns, certo?), mas não de todos. Cada professor, em sua sala de aula, talvez nem tenha noção de que faz parte do “Ministério da Defesa” do seu país, de que por suas mãos passam o futuro da nação e transformação de milhares de vidas.

Sabemos não ser uma missão simples, assim como, também sabemos ser possível obter o sucesso na vida pessoal por intermédio de uma escola que cumpre bem o seu papel e, na atualidade, cumprir bem o seu papel, significa dispensar atenção especial da formação íntegra e integral do ser humano. É uma questão de justiça pedagógica, de justiça cognitiva, o exercício do que denominamos de engenharia pedagógica reversa, tornando a escola possível para todos e para cada um. É um compromisso a ser assumido por todos os profissionais que compõem o quadro da instituição, compreendendo, que não rara são as vezes, que cada porta da escola fechada equivale a uma aberta para o tráfico e para a marginalidade. Embora não seja direta, é uma relação que existe, e aqueles que não foram capazes na escola, se tornam possíveis em espaços não desejáveis.

Pensemos em uma escola promotora da felicidade humana, capaz de se potencializar ao potencializar seus educandos, se fortalecendo por meio de práticas solidárias, promotoras de sucesso e da satisfação humana. Pensemos em uma escola, promotora da paz, da dignidade humana e da ética universal. Pensemos em uma escola potente, revitalizadora de pactos educacionais, promissora e, acima de tudo, cônica do papel a ser exercido na sociedade. Eis nossos melhores votos para uma instituição, que teimosamente insiste em SERVIR.

REFERÊNCIAS:

Araújo, Martins Margareth. **Pedagogia Social: Diálogos com Crianças Trabalhadoras**. São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015.

_____. **Pedagogia Social- Educação sem Fronteiras**. Curitiba: CRV Editora, 2021.

_____. **No Coletivo também se Reina: O Pedagógico do Trabalho, no Trabalho Pedagógico**. Dissertação, Biblioteca da Universidade Federal fluminense, 1993.

_____. **Complexus - A Pedagogia Social como Experiência Humana**. Coleção Pedagogia Social para o Século XXI. Curitiba: CRV Editora, 2024.

_____. **Pedagogia Social e Direitos Humanos na Escola**. Curitiba: CRV Editora, 2025 (Prelo).

Aristóteles. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2015.

Casotti, Mário. **Método Educativo de Dom Bosco**. Cidade Autônoma de Buenos Aires, EDIVE, 2023.

Declaração Universal dos Direitos Homem (ONU, 1948)

Declaração Universal dos Direitos das Crianças (ONU 1959)

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

Furter, Pierre. **Educação e Vida**. Petrópolis: Vozes, 1996.

Gardner, Howard. **Inteligências Múltiplas: A Teoria Na Prática**, Editorial Penso, Editora Ltda, Porto Alegre, 1995.

JARES, X. R. **El lugar del conflicto en la organización escolar**. Revista Iberoamericana de Educación, v. 15, p. 53–73, 1997. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/1121>.

Acesso em: 16 mai. 2025.



JARES, X. R. **Sobre a convivência e os conteúdos de uma Pedagogia da Convivência.** In:

JARES, X. R. Pedagogia da convivência. São Paulo: Palas Athena, 2008. Revista de Pedagogia Social UFF/Revista Quaderns d'Animació i Educació Social. Vol. 13, Niterói, 2021.<http://www.revistadepedagogoasocial.uff.br/index.php/revista/issue/archive>.

MADUREIRA Cristiana P., Mario Viché, Nerea Hernaiz. **Pedagogia da Dignidade: caminhos para uma sociedade convivencial.** Tradução de José Antônio Batista. Editora: Quaderns animació.net, Valência, 2024.

VICHÉ, Mário, **A Educogenia: o potencial Educativo do Contexto.** (in) A Educogenia de Pierre Furter. Revista de Pedagogia Social UFF, Vol. 13, Niterói, 2021. Disponível em: <Http://www.Portal.de.periódicos.da.UFF>